

A SEMANA SANTA

Não podendo dormir no horror da sepultura
Na podridão escura,
Da terra imunda e fria,
Voltaire despedaçando o feretro chumbado,
E cingindo o lençol ao corpo esverdeado
Resuscitou um dia.

Paíra-lhe no labio o riso fulminante
Com que outr'ora gravou nas crenças virginaes,
Como n'um rico espelho a aresta d'um diamante,
Tamanhas abjecções, sarcasmos tão brutaes.
Mas era ao mesmo tempo o riso heroico e bom
Que os tyrannos prostrava em miserio desmaio,
Riso a que succedeu o verbo de Dantou
Como a um trovão succede o lampejar d'um raio.
Dormira febrilmente um longo somno inquieto
Emquanto andava o mundo a executar-lhe os planos.
E vinha ver emfim, diabolico architecto,
O estado da sua obra ao cabo de cem annos.

O' satiro divino, ó monstro da ironia,
Genio que Deus conduz e Satanaz impelle,
Que esmagas hoje a infame, e escreves no outro dia
Com a tinta do enxurro os versos da Pucelle;
Tu és feito de luz e feita de baixeiras,
Feito de heroicidade e de protervias más;
Corromperam-te a alma os braços das duquezas
E encarquilhou-te a face o rir de Satanaz.
Rasgas ao mundo novo a estrada do futuro
Cantando ao mesmo tempo o sordido deboche:
És como um Juvenal dentro d'um Epicuro,
O arlequin-titan, ó semi-deus-gavroche.
N'esse labio mordente esse sorriso eterno
Faz frio como a ponta aguda d'uma espada;
O teu genio, Voltaire, é como o sol do inverno,
Dá muitissima luz, mas não aquece nada.
Em vão por sobre a paz dos campos desolados
Elle entorna do azul seus vivos esplendores:
Não cantam rouxinões nas sebes dos vallados,
Não faz nascer o trigo e germinar as flôres.
E' que nunca soubeste o que é a dôr profunda
Que estalla fibra a fibra os grandes corações;
E' que nunca choraste, ó Prometheu carcunda,
Como Dante chorou, como chorou Camões.
Voltaire, ó rachador de velhos preconceitos,
Aos golpes do teu riso, a golpes de Machado
Cairam sobre a terra athleticos, desfeitos
Na floresta da noite os cedros do passado.
Mataste a tradição, o dogma, o privilegio,
Assobiaste a rir a fé de nossos paes,
E andaste pelo azul, hediondo sacrilegio!
A correr á pedrada os deuses immortaes.
Empunhando o alvião terrível da verdade
Tu minaste, Voltaire, infatigavelmente
O alicerce de bronze á velha sociedade.
Do teu riso cruel a onda dissolvente
Foi como os vagalhões, arletes do mar,
Que cavam sob a rocha um tão profundo abismo
Que a rocha quasi fica assente sobre o ar.
Tu minaste, Voltaire, a rocha despotismo
E depois de ter feito a excavação nocturna,
Como fazem no monte as feras sanguinarias,
Encheste até á boca essa medonha furna
Com barris de petroleo e bombas incendiarias.
E em quanto o niveo pé soberbo de Antonieta
Da França estrangulava a suplicante voz,
Tu lançavas de longe a tragica luneta,
Velo Fauno cruel, rindo com riso atroz.
Até que um dia emfim exausto de cansaço,
Sentindo já sem força as garras de condor,
Tu chegaste, Arouet, sem te tremer o braço,
Ao rastilho da mina o fogo abrasador.
Cobriu-se então o azul d'uma tormenta escura,
Echoou lugubrememente o estrondo do trovão,
Viste arder o rastilho até uma certa altura,
E foste-te esconder, a rir, na sepultura
Mal se ia aproximando a hora da explosão.

Quando resuscitou, Voltaire ficou attonito
Vendo os nossos chapéus e as nossas calças pretas,
Mas como desejava andar no mundo incognito,
E não ler o seu nome impresso nas gazetas,
Oh, a necessidade a quanto nos obriga!
Voltaire o diplomata, o cortejo tafu!
Largou a juba d'ouro, a cabeleira antiga
E foi vestir-se á moda aos armazens do Pool.
Na sexta-feira santa os templos percorria
Voltaire para observar os crentes verdadeiros
No dia da paixão, no lutooso dia
Em que se faz de Christo o deus dos confeiteiros,
Arouet, ao ver aquella estúpida farçada,
Foi acordar Jesus na sua campa ignorada
E disse-lhe:

**

—«Anda ver ó Christo estes bandidos.
Que rostos tão floridos,
Que bellas digestões!

O' palido Jesus, ó scismador antigo,
Levanta-te dá campa e vem d'ahi commigo.
A ver estes ladrões.

Nós vamos passear juntos, de braço dado,
Mas vestirás primeiro um fraque bem talhado
De fino panno inglez,
E has de pôr na cabeça este chapéu redondo
Para ficar gentil, para ficar hediondo
Como qualquer burguez.

Tu odejas de certo estas casacas pretas,
Mas não quero, Jesus, que tu me comprometas
Com esse balandrau muitissimo ratão.
Se eu fosse ao boulevard comtigo e alguém me visse.
Ninguem oh, flôr do tom! ninguem, oh canalhice!
Me apertaria a mão!

O talhe d'um colete, e os pontos d'uma luva,
A menor frioleira, um simples guarda chuva,
Substituiram hoje as regras de Lavater:
Passando eu por acaso enodado e rôto,
Diriam: «Que chapéu! que pulha! que maroto!
Aquelle homem não tem nem sombras de caracter!»

Anda, veste a farpella. Agora, sim senhor!
Muito grotesco és, meu pobre Redemptor!
Vaes a comprometer-me, ó alma do Diabo!
Que figura infeliz, inteiramente chata!
Pelo menos corrige o laço da gravata
E põe na boutonniere este jasmim do Cabô.

Necessitas de ter maneiras delicadas
E a arte de dizer uns pequeninos nada
Com chic e distincção. Ser Deus é muito bom;
Mas é preciso ser um Deus da fina roda,
Um deus do nosso tempo, um deus da ultima moda,
Um deus *petit crepê*, um deus á *Benoiton*.

Se amanhã por acaso alguém, medita n'isto,
Te fosse apresentar—Sua Ex.^a o Christo—
Nos devotos salões do balro São-Germano,
Oh! escandaloso! oh farçal! oh! padre omnipotentel!
As duquezas, sorrindo aristocratamente,
Achavam-te decerto um Deus provinciano.

Saiamos para a rua. A gente anda de luto,
Porque consta que outr'ora um visionario, um bruá
Se deixara morrer pregado n'um madeiro,
E hoje em memoria d'isto os paes compram ás fimas
Tres caixas de pastilhas
Na loja d'um doceiro.

Quanta mulher formosa ahi n'esses balcões!
Que lindas tentações,
Meu palido judeu!
Deixa por um instante as regiões serenas;
Namora estas pequenas
Que ellas hão de gostar do teu perfil hebreu.

Arranja um casamento e aprende a ter juizo.
A noiva pouco importa; o dote é que é preciso
Discutill-o. Olha lá, os paes que sejam velhos!...
Que vá para o diabo o reino da Utopia!
E hão de te nomear socio da academia
E, quem sabe! Talvez barão dos Evangelhos.

Penetremos na igreja a ver esta farçada.
Uns entram para ver a casa iluminada,
Os dandys é por *chic*, os velhos por *decôro*;
Estes é para ouvir tocar umas quadrilhas,
E os outros, que sei eu!... para vender as filhas,
Para matar o tempo ou arranjar namoro.

Lá vae o prégador dizer a sermonata:
Tossiu, cuspiu, sorriu, bebeu a sua orchata
E começa a fazer. Tem uns bonitos dentes.
E com gesto fecundo e voz amaneirada
Recita uma enfiada
De tropas excellentes.

Acabou-se. O auditorio
Gostou do farelorio
Como gostamos nós.
Soltam-se exclamações por entre algum rumor:
— Muito bem! Muito bem! — E' um grande prégador! —
— Foi um rico sermão! — E que bonita voz!

E é esta a tua casa, ó meu pobre Jesus!
Não te bastou a cruz,
Era preciso o altar.
Que destino cruel, que tragica ironia!
Nasces na estrebaria.
Vives no lupanar!

Desfila pela rua immensa multidão.
Saiu a procissão;
Paremos um instante. E' curioso isto,
Que farças imbecis, que velhas pompas mudas!
Lá vae pegando ao palio o teu amigo Judas,
Que está, como tu vês, commendedador de Christo!

Os anjos theatraes caminham lentamente
Com azas de galão feitas expressamente
Nas lojas de Paris.
Pobres anjos do ceu! quem martyrisal-os!
Vão cheios de suor e apertam-lhes os calos
As botas de verniz.

Agora passas tu n'um palanquim bordado
Coitado!
Muito trabalho tem quem faz religiões!
Repara como vaes, olha que bela tunica!
E' pavorosa, é unica!
Ofereceu-t'a um burguez n'um dia d'eleições.

E atraz do velho andor e atraz das velhas opas
Vão desfilando agora os esquadrões das tropas
Com gesto marcial.
Tu que amavas os bons, os simples e as creanças,
Seguido como os reis d'um matagal de lanças,
Meu pobre general!

Terminou a função. E' negro o firmamento.
Ai que aborrecimento!
O' meu Jesus, que tedio!
Para poder dormir, para poder ceiar,
Que ha de a gente fazer? vamos ao lupanar,
Não ha outro remedio.

Ali tens, meu amigo, os conejos vermelhos;
Que rostos joviaes, brunidos como espelhos,
Que riso debochado e gesto vinolento!

E á noite, a esta hora, uns padres sem batinar
De certo não virão prégar ás concubinas
O 6.^o mandamento!

Os teus guardas fieis d'após da procissão,
Já roucos de cantar um velho cantochão,
Deixam-te no templo abandonado e só.
Uns vieram beijar as carnes prostituídas,
E os outros foram ler no quarto, ás escondidas,
Romances de Bellot.

E, como a noite é linda! A branca lua passa,
Ostentando na frente a palidez devassa
D'uma infeliz mulher.

Quando tudo fermenta e tudo anda de rastros
Já não deve admirar que a síphilis chegue aos astros
E precisem tambem xarope de Gibert.

Meu Pae, vamos ceiar. E' quasi madrugada:
E' a hora do tom, a hora consagrada
Para os ricos festins á viva luz do gaz.
E' a hora da morte, a hora do ataude,
E a mesma em que repousa a candida virtude
Nos braços de Faublas.

Anda, não tenhas medo, entra no restaurante.
A sala está repleta. A purpura brilhante
Dos desejos inflamma os sonhos tentadores.
O champanhe sacode os craneos embriagados,
E os crimes sensuaes e os vicios delicados
Rompem n'um turbilhão de venenosas flôres

O punch, iluminando as faces cadavericas,
Faz-nos imaginar as saturnaes chimericas
Que á noite deve haver na *morgue* de Paris,
Aonde as cortezãs, mais roxas que as violetas,
Ao luar cantarão as verdes cançonetas
Das podridões gentis.

Volteiam pelo ar os ditos picarescos,
Elasticos, febris, doidos, funambulescos,
Como gnomos de luz vestidos de histriões,
Dançando, tiltando os guizos argentinos,
Fazendo á luz do gaz trejeitos libertinos
Com o riso cruel das alucinações.

Ceiemos. Manda vir as coisas que preferes;
E que nos vão buscar duas ou três mulheres,
Que as ha perto d'aquí;
O mais, pede por boca, ó meu divino mestre;
Mas escuta, olha lá, não peças mel silvestre,
Porque já se não usa e riem-se de ti.

E agora é destampar a rubra fantasia!
Bebé, pragueja, ri, inventa, calumpnia,
Anda! mostra que tens espirito, ladrão!
Não quero vêr chorar os olhos teus contrictos;
Sê canalha com graça, infame com bons ditos,
Vamos, sensaborão!

Conta-nos em voz alta historias bem galantes,
Segredos irritantes,
Vergonhas sensuaes,
Adulterios da moda, escandalos, miserias.
Tudo isto, já se vê, com optimas pilherias,
Bastante originaes.

Tu precisas perder esse teu ar de adventicio
E um certo horror ao vicio,
D'um pedantismo ignaro;
Formosura sem vicio é coisa que não tenta;
O vicio, meu amigo, é bom como a pimenta.
E o defeito que tem é ser um pouco caro.

Conversemos, alegre a tua frente augusta,
Sê espirituoso, inventa, o que te custal
Uma infamia qualquer muitissimo engenhosa...
Tens um amigo? bem, vamos calumnial-o;
Tens amantes? melhor, eu dou-te o meu cavallo
E das-me a mais formosa.

Parece que o rubor te vae subindo ás faces...
O' Filho, não me masses!
O' Filho, tem piedade!

Deixa-te de sermões; no fim de contas eu
Sou muito bom christão... um pouquinho atheu.
Como um christão qualquer da fina sociedade.

Saiamos; rompe a aurora. A burguezia dorme.
Como giboiá enorme
Que resona depois de devorar um toiro;
O' giboiá feliz, ó burguezia, ó pança,
Dorme com segurança
Que a força está de guarda aos teus bezerros d'ouro.

E chama-se Progresso, ó Deus, esta farçada!
Isto é o cinismo alvar em pélo, á desfilada,
E' a prostituição ignobil da mulher,
São desejos brutaes, é carne em plena orgia,
Emfim a saturnal da podre burguezia,
Que reza como o papa e ri como Voltaire

Morrendo o velho Deus, o velho Deus tirano,
Este mundo burguez, catholico-romano
Encontrou-se sem fé, sem dogma, sem moral;
A justiça era elle o Padre-omnipotentel;
Esse padre morreu; ficou-nos simplesmente
Um unico evangelho—o codigo penal.

A consciencia humana é um monte de destroços,
Foram-se as orações, foram-se os padre-nossos,
Tombou a fé, tombou o ceu, tombou o altar;
E o velho Deus-castigo e o velho Deus-receio
E' simplesmente um frelo
Para conter a raiva á besta popular.

A crassa burguezia, essa récua fradesca,
Opipara, animal, silenica, grotesca,
Namora a Deusa-carne, e adora o Deus-milhão;
E as almas, fermentando assim n'esta impureza
Resvalam sensuaes do leito para a meza
Da meza para o chão.

Vendem-se a peso d'ouro as languidas donzelas,
Mais torpes que as cadelas
Que ao menos dão da graça o libertino amor,
E o Dever, a Saude, o Justo, o Verdadeiro,
Esses ricos metaes fundem-se no brazeiro
D'um sensualismo espesso, atroz, devorador.

A agiotagem, a bolsa, a cotação dos fundos
E' o principio rei dominador dos mundos,
E' um sangue vital, forte como o cognac.
Engordae, engordae, ó bravos *homens serios*,
Que servis para dar estercor aos cemiterios
E musica a Offenbak.

A vergonha morreu, a dignidade foi-se.
O mundo oficial é um verdadeiro alcoice,
E a plebe tripudiando em horridas orgias
Lança sobre o Direito um pustulento escarro,
E acende, cambaleando, a ponta do cigarro
Na fogueira que abraza o Louvre e as Tulherias.

A familia é um bordel. Os leitos sensuaes
São verdadeiramente esgotos seminaes,
Eroticas latrinhas,
Onde entre o tumultuar d'um debochado goso
Se fabrica de noite o sangue escrofuloso
Das raças libertinas.

Calemo-nos. Eu oiço as ferraduras de Argus
E' a Ordem e a Lei; correm a trotes largos;
Vêem n'esta direcção, esconde-te Jesus!
Metamo-nos aqui n'um beco, anda ligeiro!
Que, se sabem quem és, meu velho petroleiro,
Mandam-te pendurar segunda vez na cruz.

E agora, Filho, adeus. Eu vou dormir um pouco,
E tu, meu pobre louco,
Descança inda que seja um breve quarto d'hora;
Tingem-se de vermelho as bandas do Oriente,
E' hoje a Alleluia, e necessariamente
Tens de resuscitar logo ao romper d'aurora.

A noite era sinistra. Os ventos a galope
Resfolegavam como as forjas d'um ciclope
Com uivos de alienado e rugidos de feras.
E o mar bramava ao longe athletico, espumante,
Qual marmitta profunda a ferver trovejante
Sobre cem mil crateras.

E Christo foi andando errante, vagabundo
Atravez d'essa vasta imperatriz do mundo,
Opulenta Gomorra hidropica de Vicio,
Que Deus não enxofrou talvez, como costuma,
Porque, além de estar caro o enxofre, Deus em summa
Já não pôde arruinar-se em fogos de artificio.

E elle ia vendo os mil palacios portentosos
Onde a besta feliz dormia, ebria de gosos,
Um inefavel somno,
Em quanto que a miseria anonima esfaimada
A's tres da madrugada,
Disputava o jantar no enxurro aos cães sem dono.

As altas cathedraes, aonde a burguezia
Vae arrotar um pouco á missa do meio dia,
Tinham como que o ar d'um theatro fechado,
O aspecto mercantil d'um armazem colosso
Em que Deus ao balcão vende os dogmas por grosso
E o céu por atacado.

Arrazou-se de pranto o olhar do Nazareno,
Aquelle olhar profundo, aquelle olhar sereno
Que outr'ora deu allivio a tantos corações,
E a linha virginal do seu perfil suave
Turbou-se, apresentando o aspecto mudo e grave
Das nobres afflicções.

E marmoreo, espectral, com a frente sombria,
Banhado no suor sangrento da agonia
Foi deitar-se outra vez na leiva tumular,
Athleta que expirou tranzido de mil dôres
E quer dormir, dormir entre as hervas e as flores
Onde escorre piedosa a branca luz do luar.

E quando a christandade á volta do meio dia
Cofreu ao templo a vér o entremez da Alleluia,
Em lugar d'um Jesus banal de ciclorama
Subindo ao firmamento,
D'olhos azues n'um céu d'anil, tunica ao vento,
Sobre nuvens de gloria e de algodão em rama.

Viu-se na tela um Christo em furia, um visionari.
Truculento, febril, colerico, incendiario,
Como que um salteador fugido das galés,
Na bocca uma blasfemia e no olhar um archote,
Expulsando da igreja os christãos a chicote
E expulsando do altar o papa a pontapés!

Guerra Junqueiro.